

MEMÓRIA E HISTÓRIA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DO EDUCADOR NO MUNICÍPIO DE GUARUJÁ, DE 1891 A 1950

Léllis Antonio Fincatti

RESUMO: Este trabalho tem como finalidade mostrar aspectos da história da Cidade de Guarujá, em especial, a história da formação e profissionalização do docente em educação, em um dado período que se desloca do projeto da Vila Balneária, iniciado em 1891 e prossegue até o ano de 1950. Os resultados aqui apresentados ganham força de um (re)contar a história, embora se reconheça a precariedade bibliográfica a respeito desse período e a avançada idade daqueles que se dispuseram a relembrar fatos importantes como a formação e atuação do educador na época proposta.

PALAVRAS-CHAVE: escola, educação, história, formação, Guarujá.

ABSTRACT: *This work aim to show aspects of the history of Guarujá, and particularly the history of the formation and professionalization of the teacher, in a period that start from the projetct of Vila Balneária, that began in 1891 and go ahead up to 1950. The results presented here get the force of a (re)telling of the history, despite we recognize the low bibliography about this period and the advanced age of those that wanted to remember important facts about the formation and action of the teacher in that period of time.*

KEY-WORDS: *school, education, history, formation, Guarujá.*

INTRODUÇÃO

Creio que a memória da maioria dos homens guarda estampados os dias da meninice mais do que geralmente se acredita. (CHARLES DICKENS)

O desejo de realizar um estudo sobre a formação profissional do educador na cidade de Guarujá nasceu de uma conversa entre amigos - um fotógrafo, o Baía¹, e este autor. Mediante

¹ Raimundo Rodrigues Moreira – o Baía – Cidadão Guarujaense, colunista social, faleceu no dia 07.12.2003. Grande inspirador para a realização deste trabalho. Na história da Ilha de Santo Amaro, certamente, nenhum outro fotógrafo deixou um registro tão importante. São mais de 10 mil negativos catalogados, dos quais extraía conjunto de fotos para exposições. Baía nasceu no Ceará, vindo para Santos ainda jovem. No Itapema (Vicente de

exposição de fotos de acontecimentos marcantes, Baía, há muitos anos radicado na cidade, apresentava “relatos” fotográficos da história do município.

Um dado bastante significativo e recorrente nas inúmeras fotos expostas aponta que a grande maioria delas retrata fatos sociais e políticos, mas quase nenhuma delas retrata fatos relacionados a formação profissional do educador, tais como escolas onde frequentaram ou alguns procedimentos educacionais e outras circunstâncias que poderiam evidenciar, de alguma forma, quais os modelos pedagógicos e de formação escolar teriam sido adotados no decorrer dessa história contada pelas imagens.

A explicação do recorte temporal de interesse para o estudo (1891-1950) provém de afirmações oficiosas, segundo as quais, anteriormente a 1891, o pequeno local de estudos, oferecido aos meninos e meninas do povoado, era onde se localizava a residência da Senhora Raquel de Castro Ferreira, situada na atual Rua Petrópolis, antes uma rua sem nome, esquina com a praia (atual praia das Pitangueiras)². Em sua sala de estar, a “professora” Raquel ensinava às poucas crianças moradoras do local, a arte de ler e escrever, conforme depoimentos.

A busca de informações sobre a formação da educadora nesse período ocorreu em visita à biblioteca central “Martins Fontes”, que possui o maior acervo em relação às demais bibliotecas da Cidade de Guarujá, e onde se pôde concluir pela carência muito grande de documentos referentes a questões relativas à educação e a formação do educador naquela época. O acervo da biblioteca da Universidade Católica de Santos especializada em História, diversas hemerotecas com coletâneas de jornais e revistas da época, bem como os quatro *sites* do Município - da Prefeitura, da Câmara Municipal, da Secretaria de Cultura e Esportes e do Edifício Sobre as Ondas - foram as demais fontes para a pesquisa.

Carvalho), que tanto amava, trabalhou inicialmente no Estaleiro Cardoso, antes de começar a fotografar. Praticamente, sua vida foi atrás das lentes de um equipamento fotográfico. Foi correspondente do jornal “A Tribuna” e dos “Diários Associados”. Algumas fotos foram publicadas na revista “O Cruzeiro”. Fez vários trabalhos no exterior. Afirmava orgulhosamente: “Eu sou o Pelé da fotografia”.

² O povoado, conhecido como “Sítio da Glória” ou pelo seu nome em língua tupi: GU-AR-Y-YA, pelo próprio significado - passagem estreita de um lugar para outro – estava entre as passagens da praia do Centro, atual Pitangueiras, para a de Astúrias, onde havia uma trilha estreita que permitia, até recentemente, a travessia de charretes e de pedestres. O local, onde hoje se encontra a parte mais alta do Edifício “Sobre as Ondas”, já se chamava Guarujá.

Não se pode negar a contribuição de alguns documentos pessoais, como os diários escritos pelo Sr. Pedro Luis Pereira de Souza - “Primeiros Cinquenta anos na Cia. Prado Chaves” - e pelo Sr. Lauro Barros Siciliano - “Primeiros Cinquenta anos na Vila de Guarujá” -, fornecidos pela Sra. Vera Piza Figueira de Melo Falkenberg, neta do fundador e idealizador da Vila de Guarujá, Sr. Elias Fausto Pacheco Jordão.

Dada à referida precariedade de registros históricos oficiais, buscou-se como alternativa metodológica colher depoimentos de pessoas mais velhas, que nasceram nessa determinada época, lúcidas, que lembram e diferenciam relatos de seus pais e parentes, freqüentaram e vivenciaram antigos ambientes, inclusive a primeira escola de madeira, situada no “chalé de número 39”³.

Duas professoras, Sras. Mercedes Damin e Josefina Agosto que vivenciaram esta época, como filhas de pais alunos de Raquel de Castro Ferreira, elas alunas da Escola Estadual Vicente de Carvalho e depois optaram como profissão serem professoras, ministrando aulas nas Escolas Municipais Rurais da Prefeitura de Guarujá, estando no auge de seu trabalho no ano de 1950, contribuem de forma exemplar para conclusão deste trabalho.

Um dado que contextualiza esses quase sessenta anos permite verificar que a existência jurídica da Cidade de Guarujá, como Vila organizada, aconteceu em uma época de grandes transformações na história do Brasil e do mundo. Houve, no país, o final da escravatura, em 13 de maio de 1888; a Proclamação da República, em 1889; a mudança radical de um regime monárquico parlamentarista para um regime republicano presidencialista.

As nações mais civilizadas se debatiam em meio às circunstâncias que deram origem à Primeira Guerra Mundial; as idéias positivistas de Augusto Comte chegaram ao Brasil. Na economia nacional, ocorreram mudanças significativas com a substituição gradativa, mas inexorável, de um modelo agrário-exportador e da cultura do “Café com Leite” para um ainda incipiente processo de industrialização, tendo passado pelo craque de 1929, com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, cuja repercussão ocorreu em âmbito mundial.

³ É de especial atenção a escola instalada em uma das unidades pré-fabricadas que vieram da Geórgia – EUA, em 1892, importadas pelo Dr. Elias Fausto Pacheco Jordão, formando toda a Vila Balneária com 46 chalés, um hotel com 50 quartos, uma igreja, além da unidade escolar.

Em 1930 chega ao poder o Sr. Getúlio Vargas e com ele um regime ditatorial e a na década seguinte a segunda guerra mundial para somente em 1946, voltarmos a um regime presidencialista.

Foram alterações profundas sofridas na história, na filosofia, na economia, repercutindo, direta ou indiretamente, nos modelos de políticas públicas brasileiras e nas propostas de formação profissional do educador, onde se inclui, também, o município de Guarujá.

Cabe assinalar, ainda, que o estudo sintetizado neste artigo procura oferecer subsídios a todos que se interessam pelo registro da história e a todos que valorizam a memória oral como fonte de produção de conhecimento, uma vez que decorrente de testemunhas oculares vivas.

EM BUSCA DA MEMÓRIA PARA (RE)CONTAR A HISTÓRIA

Como ECLÉA BOSI (1994), considera-se que o testemunho vivo é uma forma extremamente válida de (re)escrever a história:

A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança. [...] A recriação do passado feita por pessoas simples, testemunhas vivas da história, é diferente da versão oficial que se lê nos livros. Os velhos contam a história vivida e sofrida por eles. [...] Suas lembranças se prendem a velhos lugares. [...] E a cidade emerge cheia de alma, com sua memória política, sua memória de trabalho, as vozes de suas igrejas e ruas, seus pregões e cantigas, seus assobiadores das madrugadas (BOSI, 1994, p. 53 e contra capa).

Por conseguinte, considerando a precariedade e/ou a insuficiência de dados documentais, o principal procedimento de coleta de dados se deu pelo depoimento oral de moradores. Nas reuniões sociais dos três Centros de Convivência da Terceira Idade, com sedes na Cidade de Guarujá, foram encontradas pessoas com 80, 90 anos e até com mais idade, que são os “relatores” que permitiram a (re)construção da história centenária da formação profissional do educador na cidade do Guarujá.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. (THOMPSON, 1992, p. 22).

Para entrar em contato com os depoentes, em especial as duas professoras atoras Sras. Mercedes Damin e Josefina Agosto, a primeira etapa foi constituída por uma visita prévia, para conhecê-las, explicando a intenção e o significado do estudo e, após a sua concordância, para um agendamento de data da entrevista, cujo teor versava, com base em relacionamento empático e informal, sobre: nome e endereço completos (se a mesma autorizou); data de nascimento; profissão que exerceu durante a vida de trabalho, foram escolhidos somente professoras; concordância com a divulgação dos relatos históricos; explicações a respeito de não existir comprometimento pessoal do entrevistado, a não ser resgatar a história da Formação e Atuação do Educador da Cidade do Guarujá entre 1891 até 1950; explicação a respeito de que não haveria contestação ou polêmica, uma vez que se buscava a lembrança pura e simples de cada uma.

Como síntese de todas as informações colhidas nos depoimentos, algumas assertivas puderam ser construídas. Não se trata de, linearmente, “contar uma história”, até mesmo porque os depoimentos estão impregnados da emoção que acompanha o “relembrar” e mais emoção existe, quando esse resgate pela memória oferece a consciência do longo tempo vivido.

As entrevistadas narraram com riqueza de detalhes à vida das pessoas e os fatos da época, como se estivessem olhando em um espelho e voltando no tempo. Mediante seus “causos” e a história de cada um, deixam um panorama do que foi a vida, em geral, na então localidade do Guarujá, em final do século XIX e nas primeiras cinco décadas do século passado.

A primeira escola funcionou, mesmo que de forma precária, na casa da Professora Raquel de Castro Ferreira, sendo a sua formação profissional como professora é desconhecida. A figura pública da professora Raquel é emblemática, pois todos os depoentes irão apontá-la como muito competente e dedicada, sendo a primeira professora do povoado. Além de ministrar aulas,

dedicava-se à assistência social. Em sua homenagem e em reconhecimento a todo o trabalho prestado, a segunda escola estadual do Guarujá recebeu o nome de *E. E. Raquel de Castro Ferreira*.

Em 1891, com o projeto da fundação da Companhia Balneária da Ilha de Santo Amaro e, posteriormente, com a inauguração da Vila de Guarujá em 04 de setembro de 1893⁴ em um dos “chalés de madeira” o de nº 31, foi oficializada de modo precário a escola de Raquel de Castro Ferreira no ano de 1906, mantida pela Companhia Prado Chaves. Na Rua Mário Ribeiro, nasceu à primeira escola oficial denominada *Grupo Escolar do Guarujá* em 1932. Em 1926 os serviços públicos, como água, luz, esgoto, estrada de ferro, lanchas e outros foram encampados pelo governo estadual e é criada a Prefeitura Sanitária de Guarujá e implantadas algumas escolas rurais.

Em 31 de março de 1932, mediante o decreto nº 9.325/32 publicado no Diário Oficial do Estado do mesmo dia, a escola recebeu autorização para que fosse processada a sua modernização, inclusive com a procura de um novo local para suas instalações.

O *Grupo Escolar do Guarujá*, no dia 07 de julho de 1932, passou a ter uma nova denominação “*Grupo Escolar Vicente de Carvalho*”⁵ e um novo local foi indicado para sua reconstrução, já nos padrões modernos para a época, o que veio a ocorrer em 18 de outubro de 1939, situado agora, à avenida Puglisi, 188 – na Estância de Guarujá, e veio consolidar as Escolas Municipais Rurais mantidas pela Prefeitura de Guarujá que ficaram subordinadas ao diretor da escola estadual agora denominada *E.E. Vicente de Carvalho*. Antes, no dia 30 de junho de 1934 a Estância sofrera sua emancipação administrativa

⁴ Apesar de pequenas controvérsias quanto à verdadeira data de inauguração da Vila do Guarujá, este trabalho adota a data assinalada com base em publicações da época registradas no jornal “Correio Paulistano” de 04/09/1893, no jornal “Platéia”, também de São Paulo e no “Diário de Santos”, editado em Santos.

⁵ Vicente de Carvalho, nascido em Santos em 05 de abril de 1866 e falecido em 24 de abril de 1924, foi, durante alguns anos, advogado e jornalista. Militou na política, lutou pela abolição da escravatura e pela proclamação da República. Ocupou vários cargos, dentre eles o de Presidente da Câmara Municipal de Santos. Foi deputado da Assembléia de São Paulo e Secretário do Interior e da Justiça. Tornou-se, depois, fazendeiro, agricultor e magistrado, recebendo sempre respeito e estima. Sua grande popularidade, porém, decorre de sua poesia, pela qual entrou em contato com a sensibilidade brasileira. Seus versos são conhecidos e apreciados, tendo publicado em prosa e verso durante muito tempo. Sua obra mais conhecida e que lhe valeu a entrada na Academia Brasileira de Letras é “Poema e Canções”, publicada em 1908.

Quando os depoentes, até pela sua idade, começam a relatar dados com maior riqueza de pormenores, já estavam se referindo como alunas, ao chalé de nº 39, da Rua Mário Ribeiro, onde se instalava o *Grupo Escolar do Guarujá*.

Pelas lembranças, advindas de experiências pessoais ou decorrentes de relatos de pais e parentes, na primeira unidade escolar, ainda nas dependências da casa de D^a Raquel de Castro Ferreira, os depoentes mencionam que os recursos materiais de trabalho consistiam de quadro negro, giz branco e um aparador que funcionava como suporte, onde eram colocados objetos que deveriam ser desenhados ou descritos pelos alunos. Quanto ao mobiliário, as cadeiras eram comuns, portanto, não apropriadas ao aprendizado, sendo que alguns alunos sentavam-se no chão, fazendo dos assentos das cadeiras sua mesa de trabalho. O material escolar dos alunos era constituído apenas de lápis e de caderno. O período escolar era único: matutino.

Em classe multisseriada, tais informações fornecem uma idéia da precariedade de recursos, ainda que alguém se dispusesse à “arte de ensinar”, uma vez que os testemunhos são enfáticos ao relatar a “seriedade e a dedicação” da professora/diretora, não só em termos dos conteúdos ministrados, mas também em relação ao seu espírito “caridoso e atencioso” com todos, especialmente com os mais necessitados. Essa dedicação era reconhecida pelos alunos e por seus pais, daí o respeito com que a figura de Raquel de Castro Ferreira é tratada no resgate da história.

Ao se referirem ao então *Grupo Escolar do Guarujá*, descrevem a escola como um sobrado de madeira na cor branca ou em cinza amarelado, com janelas mais escuras; referem uma cerca ao redor da casa, muitas plantas, uma árvore em frente, um pátio não pavimentado, dois banheiros, cinco salas (duas maiores no andar superior e três menores no andar térreo), além da sala de secretaria que também funcionava como sala da direção e dos professores.

Nessa unidade escolar, os depoentes relatam que havia luz elétrica, lousa e que as carteiras eram duplas, em madeira, cuja base era de ferro, com um tinteiro ao meio, completado todas as manhãs, pois se escrevia com canetas “bico de pena”. Relatam, também, que a tinta era feita, artesanalmente, na própria escola, pela servente e que o uso da caneta tinteiro era exclusivo dos alunos a partir do 2º ano (os alunos de 1º ano apenas usavam lápis). Havia, também, a utilização de cadernos e de lápis coloridos, além da realização de trabalhos feitos em casa para posterior exposição ao final do ano letivo; um destaque especial é dado para o uso da cartilha –

Caminho Suave –, o que perdurou por amplo período do século XX. Pelo lembrado, as salas eram desprovidas de aspectos decorativos como quadros, cortinas e lustres.

Reportando-se aos tempos da escola da Professora Raquel, os depoimentos se referem ao fato de que as crianças, ao chegar, formavam filas e cantavam o Hino Nacional, antes do início das atividades didáticas propriamente ditas. O mesmo comportamento na entrada das aulas é descrito em relação ao *Grupo Escolar do Guarujá*.

Pode-se conhecer, também, que as crianças, em geral, chegavam à escola percorrendo trajetos a pé. Juntos, meninos e meninas, mas separados dentro do espaço físico escolar, uniformizados ou não (meninos com camisa branca e calça azul-marinho e meninas de avental branco), calçados ou não, assistiam às aulas. Muitas vezes, os uniformes eram providenciados pela professora Raquel.

Em um primeiro momento, à semelhança das atuais classes multisseriadas, as crianças eram divididas em fileiras, sendo que a cada fileira correspondia uma série escolar: 1^a, 2^a e 3^a, uma vez que a 4^a série, nesses primeiros anos, só era ministrada no município de Santos.

Apesar dessa separação, os depoentes salientam que todos podiam ouvir os ensinamentos oferecidos, beneficiando-se e ampliando seu aprendizado.

A formação profissional dos primeiros educadores da então Vila de Guarujá consistia em possuir habilidades para trabalhos manuais, constatação de um trabalho de formação cívica e religiosa para os educados ensinando orações e os credos fornecidos pelo vigário local, e o fato de terem aprendido a ler e escrever com a professora Raquel de Castro Ferreira.

Posteriormente assim que conseguiam se fixar como professoras nas Escolas Municipais Rurais iriam concluir na Cidade Santos, cursos de aperfeiçoamento na área de Educação ou mesmo terminar o curso secundário.

Posteriormente, as aulas foram ministradas por um único professor em cada sala destinada às diferentes séries escolares, ainda com separação de gêneros e com exigência do uso de uniformes. Nesse momento, as aulas ocorrem em dois períodos – matutino e vespertino –, sendo que até mesmo em horário de recreio meninos de meninas ficavam separados.

Quanto ao corpo docente, portanto, a observação de um único professor em sala é recorrente em todos os depoimentos. Da mesma forma, a presença de um diretor só aparece

quando os depoentes se referem ao *Grupo Escolar do Guarujá*, assinalando, também, a presença de faxineira para prestar serviços na unidade escolar.

Pelos depoimentos, não é possível afirmar que houvesse um determinado projeto pedagógico a ser executado. Sabe-se que os relatos sempre se referem à seriedade e à responsabilidade de professores, reconhecendo-os como exigentes, elegantes e educados. Pedagogicamente, as pessoas aqui entrevistadas consideram que o bom professor era aquele que sabia exigir mais de seus alunos, inclusive aplicando castigos, quando reconhecidamente, necessários.

As atividades externas à sala de aula, como brincadeiras, jogos e mesmo ginástica eram conduzidas, ao que tudo indica, de forma intuitiva, com o auxílio da servente escolar.

Quanto aos processos de avaliação, os depoentes referem que a professora Raquel recebia “envelopes” com provas que eram aplicadas por ela, mas não corrigidas. Os dados não permitem saber como era feita e por quem era feita essa correção. Com o passar do tempo, os relatos se referem à presença de inspetores que chegavam à escola para aplicar os exames e realizar o processo de avaliação escolar dos alunos.

Finalmente, quanto à gestão escolar, pouco se pôde resgatar, até porque a própria legislação ainda não previa a presença efetiva e a formação adequada desse profissional⁶. Pelos depoimentos, o diretor é reconhecido como pessoa gentil, respeitosa, bem apessoada, bem vestida, mas muito exigente. É respeitado por todos, inclusive pelo corpo docente que lhe é subalterno.

Nada se pôde apreender sobre a formação profissional quer seja do diretor quer seja do professor nesse período da história da educação no Guarujá, embora essa carência de informações não signifique um dado depreciativo sobre a qualidade de docência e de gestão desses profissionais. Trata-se de avaliar o fato histórico com o olhar voltado para o momento e para as circunstâncias de então.

⁶ Pela primeira vez, o Decreto Federal nº 1.331-A, de 17/1/1854, criava nas escolas primárias particulares o cargo de diretor, subordinado ao delegado do Distrito. No entanto, a estrutura e o funcionamento do grupo escolar permaneceram mais ou menos inalterados até a grande reforma de ensino determinada pela Lei Federal nº 5.692/71. Em São Paulo, a Lei Complementar nº 114/74 criou o cargo de diretor de escola para exercício em escolas de primeiro e segundo graus.

Na integração com a comunidade, as escolas – especialmente o *Grupo Escolar do Guarujá* – promoviam eventos cívicos, comemorando datas da Independência e da Proclamação da República e realizando as exposições ao final do ano letivo.

Quanto o autor começa a recontar a formação e atuação da Professora Mercedes Damin, utilizando o seu recontar com relatos firmes não podendo deixar de colocar muitas vezes, as próprias palavras da professora Mercedes Damin, pois ela conta com muita emoção e saudades o que foi a arte de viver o seu ofício, escolhida pelo próprio mister, ou seja, a necessidade naquele exato momento de alguém preencher um cargo.

Convidada a trabalhar, por volta de 1945 para assumir as aulas de todas as séries da Comunidade Carente do Perequê, nesta altura já uma Escola Municipal Rural, mas com orientação pedagógica do Grupo Escolar Vicente de Carvalho, quando ainda não havia concluído a qualificação profissional, acabou por realizar seu sonho maior que estava gravado em seu subconsciente, a arte de tornar-se professora.

Lecionando no período da manhã, no período da tarde ia para Santos, estudar o curso Normal no Colégio Tiradentes. Paulatinamente foi descobrindo sua verdadeira vocação e a utilidade para as crianças de ler.

No Colégio Tiradentes fez o curso Normal, tornou-se professora e sempre quando existia a oportunidade, continuou se atualizando, embora não conseguiu lembrar-se de maiores detalhes de novos estudos. O curso Normal foi realizado em 03 anos. No Colégio Tiradentes tinha aulas de português, matemática, latim, francês, geografia, história, canto e piano, destacando como as principais. Em ciências estudavam o corpo humano, os ossos.

Novamente sendo provocada nas suas lembranças, recorda que os professores faziam cursos de atualização, ficavam semi internados, (para professora Mercedes Damin considerava o semi internado quando o curso durava o dia inteiro) voltavam para casa à noite. Vinham professores de São Paulo, do Rio de Janeiro para ministrar aulas ou palestras.

Esses cursos eram organizados pela Prefeitura Municipal de Guarujá com apoio do governo do Estado de São Paulo. Enquanto professora da rede municipal de ensino, todo material didático pedagógico que achava interessante utilizar em suas aulas, para um melhor entendimento ou facilidade para os alunos, era adquirido por ela, na cidade de Santos.

Para se deslocar de sua residência em direção à Escola Municipal Rural do Perequê

para exercer suas atividades de professora, utilizava uma charrete fornecida pela Prefeitura e o caminho era pela areia da Praia da Enseada, mesmo quando o tempo estivesse chuvoso. Utilizava capa e guarda chuva. Em dias de forte ressaca ou maré alta, as aulas eram suspensas por falta de condições de transpô-las.

Também em Santos para completar sua formação e utilizar como um recurso pedagógico, estudou datilografia onde pode facilitar a aprendizagem e a leitura de seus alunos levando trabalhos datilografados e ajudando-os nas provas. Trabalhou muito em sua residência para poder levar as matérias prontas para a escola. Levava revistas e jornais para os alunos ficarem atualizados, não esquecendo dos lanches e remédios quando solicitados pelos pais de seus alunos.

Da mesma maneira, a trajetória de vida da professora Josefina Agosto como aluna e depois como professora, foi cercada de muita emoção e lembranças de um passado presente, que deixou marcas positivas de uma vida vivida intensamente.

Começou aprender a ler e escrever em uma escola tradicional na cidade de Santos conhecida como Liceu Feminino Santista, onde por lembranças e histórias ouvidas e contadas por seus pais e amigos, concluiu que era necessário fazer alguma coisa e decidiu pela profissão de lecionar.

Fez a observação que na época, poucas oportunidades existiam para a mulher que seguia os rígidos padrões da família tradicional brasileira. Concluiu seus estudos no Liceu Feminino Santista, terminando o curso Normal para formação de professores com os concluintes de 1937.

A escolha da profissão foi por acaso, resolveu dar aulas para fazer alguma coisa e depois gostou e continuou por vinte e cinco anos. Os professores eram muito respeitados pelos alunos.

Na época não existia escola de curso Normal, então o Liceu Feminino Santista foi fundado para suprir essa necessidade. Terminou seus estudos com vinte anos e a então normalista começou a trabalhar como professora com vinte e sete anos na Prefeitura de Guarujá, no Bairro conhecido popularmente como “Pouca Farinha”, mas seu nome é Bairro da Praia de Santa Cruz dos Navegantes.

“Trabalhei 05 (cinco) anos na Junta Militar em Santos, quando sai, entrei na Prefeitura

de Guarujá registrada como professora. O Liceu foi feito para suprir a falta de professores em Santos”. Em Guarujá a professora Josefina Agosto explica que na época, a escola foi construída para atender os filhos dos militares que moravam no então Bairro residência. Com o crescimento, a escola tornou-se pública, assumindo a Prefeitura Municipal de Guarujá, e passou a denominar Escola Rural da Praia de Santa Cruz dos Navegantes.

Relatou que a classe era muito bem arrumada, ficava no térreo e dividia o espaço com os militares ali estabelecidos. Quando os militares transformaram em Clube de Pesca, o espaço ficou pequeno, mudaram para o andar de cima, deixando um espaço maior para a escola.

A sala de aula era uma classe multisseriada, com as três séries juntas anexadas, sendo a primeira, segunda e terceira divididas por fileiras. Os alunos em sala de aula estavam sempre em movimento, enquanto uma turma lia, outra turma escrevia. O método pedagógico utilizado era a cartilha Caminho Suave.

Trabalhou vinte e cinco anos como professora. Enquanto professora ensinou e aprendeu com os seus alunos. Naquela época era a única professora da escola. Quando a quantidade de alunos começou a aumentar, a escola que já possuía alunos filhos de militares e filhos dos pescadores moradores do Bairro de Santa Cruz dos Navegantes passou a receber novos alunos de um novo bairro que se formava, Praia do Góes, foram necessários mais professores. Eram três classes. Mas nessa época já estamos em meados dos anos cinquenta.

Na escola os recursos de cadernos, lápis e outros materiais não faltavam. Inclusive tinha uma pequena biblioteca para uso da escola, herança dos militares. Escrevia a matéria na lousa e realizava ditados. Naquela época o curso Normal era suficiente para formar professores.

Trabalhava das 08h00 às 12h00 horas e de segunda a sábado. As festas que eram comemoradas: Independência do Brasil no dia 07 de setembro e o dia do Professor no dia 15 de outubro.

Morava no bairro do Campo Grande em Santos, pegava ônibus na Avenida Ana Costa se dirigia até a Ponta da Praia onde pegava uma canoa para atravessar para Guarujá. Foi a primeira professora da escola, onde trabalhou por 25 anos.

As escolas da Prefeitura estavam ligadas ao Grupo Escolar Vicente de Carvalho situado à Avenida Puglisi, atualmente o E. E. Vicente de Carvalho.

As crianças iam para escola descalças e muitas mal vestidas. Na sala de aula tinha

mais de uma lousa, uma para cada série onde era escrita a matéria de cada turma. “Ensinava a ler, escrever, além de História, Geografia e tinha aulas de Religião”.

Se a proposta inicial era (re)contar a história pela memória viva daqueles que, mais ou menos próximos, viveram esse período ou tiveram informações a respeito dele, os depoimentos, ainda que impregnados de extrema sensibilidade, dadas as emoções recordadas e revividas, estão coerentes nos dados históricos que resgatam e atendem aos objetivos que foram colocados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar a este momento, propõe-se que, em primeiro lugar, o autor verifique a pertinência de suas hipóteses, a obtenção de seus objetivos e a eficácia de seus recursos metodológicos. Tal procedimento oferece ao leitor o fim de um trabalho árduo, de muitos meses, que percorreu diferentes espaços reais e virtuais até atingir o ponto de chegada, onde um trabalho acadêmico pode ser considerado como concluído, ainda que sempre inacabado.

A atuação do professor na função de gestor educacional na Vila de Guarujá não foi diferente, pois, daquela executada no Brasil, conforme a Lei Estadual n. 88 de 1892 que, quanto ao ensino primário preliminar, aponta que o professor e o gestor eram a mesma pessoa, inclusive com suas funções (con)fundidas. É possível concluir que o mesmo ocorreu na Vila de Guarujá, quando a Sra. Raquel de Castro Ferreira exercia essa dupla função na escola que funcionava na sua residência, situada à Rua Petrópolis número 31. Propõe-se que esta situação perdurou até o ano de 1932, quando se pode afirmar que, a partir dessa data, o *Grupo Escolar de Guarujá*, e logo depois *Grupo Escolar Vicente de Carvalho*, passou a ter um gestor, que era o diretor nomeado pelo Governo do Estado e os professores subordinados a ele.

Como foi registrado, essa inquietação sobre a escolarização e a figura de um professor conduziu à problematização para outros enfoques, que se transformaram em objetivos, os quais foram sendo gradativamente alcançados, especialmente em decorrência dos depoimentos prestados, pois, como amplamente explicitado, os poucos documentos que registram questões referentes à educação são advindos da imprensa ou de documentos pessoais - o caso dos diários consultados.

Esses diários originais, um do senhor Pedro Luis Pereira de Souza e outro do senhor Lauro Barros Siciliano, fornecidos pela senhora Vera Piza Figueira de Mello Falkenberg, demonstram que o que existe em compêndios e literatura não passa de cópias e transcrições, apesar dos fatos serem verídicos, confirmando a falta por completo de informações e documentos considerados "oficiais".

Se um dos objetivos propostos era (re)contar a história pela memória viva daqueles que, mais ou menos próximos, viveram esse período ou tiveram informações a respeito dele, o autor pode se considerar vitorioso. Os depoimentos estão impregnados de sensibilidade, de emoções recordadas e revividas, além de serem coerentes nos dados históricos que resgatam, atendendo às intenções do autor expostas na introdução deste trabalho. Não há contradições entre os relatos, ainda que possam se dar de forma diferente.

Por conseguinte, o procedimento metodológico adotado - coleta de depoimentos - constitui um adequado e certo instrumento utilizado para (re)escrever este resgate de um período histórico, com ênfase no processo educativo e escolar.

O que pode ser avaliado pelo autor é que, por serem sujeitos já em idade mais avançada, existe uma dificuldade maior na condução da entrevista. Vendo-se valorizados (impressão deixada no autor), sua verbalização se dá de forma espontânea e nem sempre em sentido linear, no tratamento de diferentes assuntos. O relato dos depoimentos pode evidenciar esta observação, quando saltitam entre recordações, as mais diferenciadas.

Se por um lado esse resultado significa a riqueza de apreender o ritmo e a fecundidade dos fatos rememoriados, poderia indicar, também, alguma dificuldade do pesquisador na condução das entrevistas, uma vez que se considera imprescindível estar atento aos objetivos da entrevista e saber conduzi-la com técnicas adequadas na perspectiva da obtenção desses objetivos.

Com a devida justiça, o autor avalia que seu envolvimento pessoal e suas relações amigáveis com os sujeitos da pesquisa e seus familiares podem ter contribuído para que alguns relatos não fossem muito claros (se assim podem ser qualificados), pois a condução da entrevista não teria sido a mais desejável.

Como produto final, porém, pode-se avaliar que, basicamente, todas as indagações propostas obtiveram algum tipo de resposta e puderam compor um conhecimento contextual

sobre o período, em suas bases estruturais e conjunturais, enfatizando-se a questão da oferta de escolas aos moradores da localidade, reportando como eram do ponto de vista de sua dinâmica pedagógica e administrativa.

Ainda que sem um acurado aprofundamento, parece ter sido possível apreender um perfil daqueles profissionais que se dispunham a ensinar - as professoras - e o daquele que se dispunha a dirigir - o diretor/gestor escolar. Pouco se soube sobre sua formação, mas foi muito enfatizado o respeito e a admiração que a eles eram dedicados pela sociedade local.

A partir de tudo o que foi ouvido e lido, é possível inferir que havia um "proceder" pedagógico, o qual, embora não se possa apresentar como teoria pedagógica (até mesmo pela ausência de informações necessárias, sejam elas bibliográficas ou em forma de depoimentos), sinaliza na direção de apontar a que tipo de cidadão se dirigia, qual o conteúdo cívico e religioso ministrado para que essa instrução atendesse às necessidades sociais e pessoais do momento, bem como as formas de ensinar e de educar, evidenciando relações sociais hierarquizadas.

Uma das considerações que pode ser feita é que, ao que tudo indica, não havia uma política educacional oficial e direcionada, até pelo isolamento em que a localidade e a escola se encontravam. Apesar de os depoimentos assinalarem a vinda de inspetores estaduais para a realização das avaliações e dos exames, ou mesmo de envelopes fechados com as provas a serem aplicadas, parece que só a partir de 1926, quando a Vila de Guarujá passa a ser Prefeitura Sanitária e, talvez, após 1932, é que o estado assume as diretrizes educacionais para o município, as quais só se mostram efetivamente atuantes após a inauguração do *Grupo Escolar Vicente de Carvalho*.

Pode-se deduzir que, em todas as circunstâncias relatadas neste trabalho, havia condições para que as crianças, meninos e meninas, embora separados, frequentassem a escola, com ou sem uniforme, com ou sem material escolar, com maior ou menor facilidade de locomoção. Essa escola que se destinava a um público alvo específico - moradores locais filhos de caiçaras, alguns militares outros pescadores ou trabalhadores em comércio local - existentes desde a Vila Balneária até a dotação pelo estado de uma escola estadual oficial, procurava cumprir um dos objetivos da educação formal que é a transmissão de conhecimentos, a partir da leitura, da escrita e do raciocínio matemático.

O autor tem consciência de que a escola em estudo, com todas as implicações

subjacentes a esse conceito, enquanto uma ação viva, poderia ser abordada de forma crítica, pois as próprias características da localidade a mostravam (e ainda mostram, embora com significativos indicadores de uma "popularização") como reduto de uma elite burguesa, detentora do capital brasileiro e que constituía, portanto, a classe dominante do país.

Como coloca GUARESCHI (1990), com certeza a escola de que se ocupa este trabalho também era um aparelho reprodutor da sociedade, constituindo a superestrutura social. Vieses ideológicos com certeza existiam - festividades cívicas, práticas religiosas - mas não era esse o caminho que sinalizava o norte deste estudo, razão pela qual não foi trilhado, ainda que (re)conhecido.

Pretende-se, pois, com modéstia, mas com satisfação, que este trabalho seja mais uma fonte de pesquisa não só para que este autor tenha estímulo para prosseguir em novos estudos, mas que também possa compor o acervo, ainda tão precário, a respeito do período - 1891/1950 - em termos das práticas educativas exercidas na Vila de Guarujá.

O autor se declara, pois, grato a todos que participaram desta trajetória e plenamente realizado em seus estudos, uma vez que conseguiu transformar seu projeto inicial em uma dissertação que (re) escreve a trajetória da Formação e Atuação do Educador no Município de Guarujá, na época proposta de 1891 até 1950, (re) contando sua História.

Bibliografia

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. ed.. São Paulo/SP: Moderna, 1996.

AZEVEDO, Aroldo de. **Vilas e cidades do Brasil colonial**. São Paulo: FFCL/USP, 1956.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DAMASCENO, Monica de Barros e MOTA, Paulo. **Pérola ao Sol - Apontamentos para uma história de Guarujá**. Publicação do Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Guarujá, 1991.

FICATTI, Léllis A.. A difícil arte de saber educar e administrar. *In: Jornal 1ª Hora*. Guarujá/SP, 07.03.03.

GLEZER, Raquel. Visões de São Paulo: *In: Imagens da cidade, séculos XIX e XX*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1994.

GUARESCHI, Pedrinho A.. **Sociologia crítica. Alternativas de mudança.** 23. ed.. Porto Alegre/RS: Mundo Jovem, 1990.

GHIRALDELLI, Jr. Paulo. **História da Educação.** São Paulo: Cortez, 1998.

JORGE, Salomão. **As lutas, a glória e o martírio de Santos Dumont.** São Paulo: Nova Época Editorial, 1973.

KARWINSKY, Esther Sant'Anna de Almeida. Baronesa. **O Caiçara.** Guarujá/SP: Associação do Folclore e Artesanato de Guarujá, 1993.

LOVE, Joseph. **A locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira - 1889-1937.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MADRE DE DEUS, Frei Gaspar. **Memórias para a história da Capitania de S. Vicente hoje chamada de S. Paulo .** São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954.

MEDEIROS, Diva B.. Guarujá in **A Baixada Santista - aspectos geográficos .Vol. III.** Guarujá: Universidade de São Paulo, 1965.

MUNIZ JR, J.. **Fortes e fortificações do litoral santista.** Santos: Instituto Histórico e Geográfico de Santos, 1982.

NUNES, Clarice. (Des)Encantos da modernidade pedagógica. In: LOPES, Eliane M.T., FARIA FILHO, Luciano M. e VEIGA, Cynthia G. (orgs.) **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2000.

OLAO, Rodrigues. **Veja Santos.** Santos: Prefeitura Municipal de Santos, 1973.

PETRONE, Pasquale. Povoamento e população. in **A Baixada Santista – aspectos geográficos.** Vol. II. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1965.

RODRIGUES, Luiz Melo. Vicente de Carvalho in **A Baixada Santista - aspectos geográficos.** Vol. III. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1965.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil.** 26. ed.. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

SANTOS, Francisco Martins dos. **Pequena história de Guarujá.** 1967-1968. Lions Clube Guarujá. (notas escritas pelo historiador da Baixada Santista, a pedido do Lions Clube).

_____. **História de Santos.** São Vicente: Caudex, 1986.

SICILIANO, Lauro Barros. **Guarujá-Bertioga.** Instituto Histórico e Geográfico Guarujá-Bertioga, órgão da Secretariada Cultura, Ciência e Tecnologia do governo do Estado de São Paulo São Paulo: 1958-1978.

TABACCHI, Jesus Rudney. **O cargo de diretor de escola: origem e evolução do sistema escolar paulista.** Dissertação (mestrado) São Paulo: PUC. 1979.



Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano III - Nº V- Jun/ago de 2009 - ISSN 1982-646X

THOMPSON, Paul. **A voz do passado** - história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VAZ, Ângela Omati Aguiar. **Guarujá, três momentos de uma mesma história**. Santos/ SP: Espaço do Autor, 2003.